



ID: 122013849

13-03-2026

**Presidente** Avaliação de Seguro é positiva, sobretudo entre socialistas. Portugueses esperam mais colaboração do que atritos com Montenegro

# Portugueses esperam Seguro ativo e colaborante

Textos **MARGARIDA COUTINHO** e **RITA DINIS**  
Infografia **SOFIA MIGUEL ROSA**  
Foto **NUNO BOTELHO**

**M**enos palavras e mais atos. Foi assim, em linguagem escorregada e sem margem para duplas interpretações, que o Presidente António

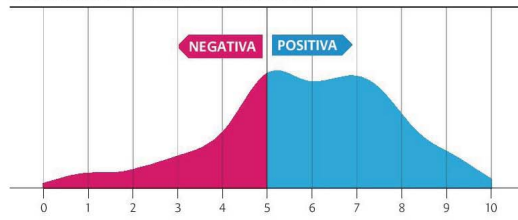
José Seguro inaugurou o capítulo dos avisos ao Governo na sua primeira visita oficial como Presidente da República. A deslocação à pequeníssima aldeia de Mourísia, no concelho de Arganil, que no verão passado ficou cercada pelas chamas, tinha uma dupla intenção: mostrar que a Presidência não será centralista (olhará para "Portugal inteiro"), e evidenciar que a palavra dos políticos tem consequência. É que Seguro, candidato, tinha ficado impressionado com aquela aldeia queimada a toda a volta e tinha prometido "não esquecer".

Sem praticamente nenhuma margem para improvisos, chegou pontualmente, percorreu a aldeia no trilho destinado e escolheu bem as palavras que quis deixar no primeiro momento de comunicação com os jornalistas: "Muitos dos problemas que existem (e ali são muitos, desde o isolamento ao problema demográfico, passando pela falta de acesso a energia, rede móvel e apoios) exigem respostas da política. E quando se fazem promessas de apoio é importante que sejam concretizadas", disse, anunciando que tinha ouvido do presidente da Câmara de Arganil que ainda havia apoios prometidos pelo Governo na sequência dos incêndios por concretizar. Primeiro recado. Depois, resumiria assim o que quer que seja a sua Presidência: "Serei um Presidente exigente para que as palavras possam valer e para que isso reconcilie os portugueses com as instituições." Nem um primeiro-ministro-sombra, nem um Presidente que toma chá com o primeiro-ministro.

Era isso que os eleitores mostram querer nas sondagens publicadas antes das eleições e é isso que os eleitores acreditam que vão ter no rescaldo da vitória esmagadora de Seguro. O novo estudo feito pelo ICS/ISCTE para a SIC e o Expresso, com trabalho de campo entre 27 de fevereiro e 8 de março, mostra que 46% dos inquiridos acreditam que o

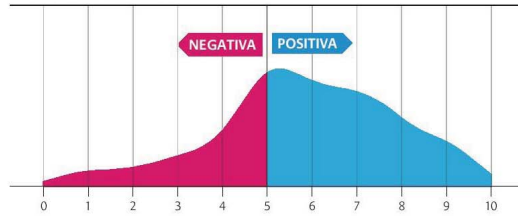
## AValiação recente de António José Seguro

Numa escala de 0 ("muito negativa") e 10 ("muito positiva")



## AValiação recente de Marcelo Rebelo de Sousa

Numa escala de 0 ("muito negativa") e 10 ("muito positiva")



### COMO SERÁ O GRAU DE INTERVENÇÃO DE SEGURO?

Comparativamente à intervenção de Marcelo Rebelo de Sousa. Em relação ao total da amostra

IRÁ INTERVIR MAIS **46%** (NS/NR 6%)  
IRÁ INTERVIR MENOS **8%**



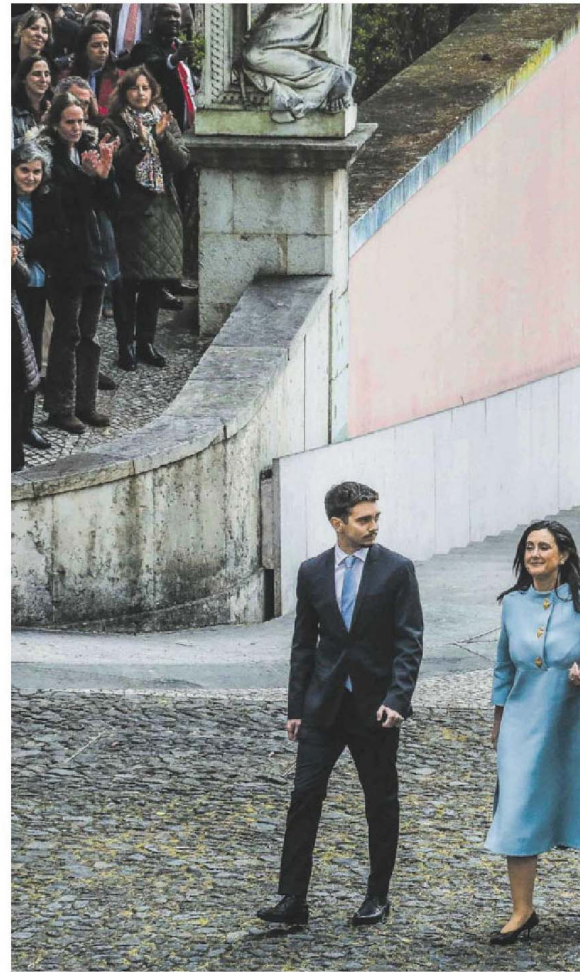
### FICHA TÉCNICA

Sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 27 de fevereiro e 8 de março de 2026. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metrics. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis sexo, idade (4 grupos), instrução (3 grupos), região (7 regiões NUTS II) e habitat (dimensão dos agregados populacionais (5 grupos)). A partir de uma matriz inicial de região e habitat, foram selecionados aleatoriamente 100 pontos de amostragem, onde foram realizadas as entrevistas de acordo com as quotas acima referidas. A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto recolhida através de simulação de voto em urna. Foram contactados 2778 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 801 entrevistas válidas (taxa de resposta de 29%; taxa de cooperação de 46%). O trabalho de campo foi realizado por 39 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do European Social Survey (Ronda 11). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 801 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

### A QUE FUNÇÃO IRÁ DAR MAIS IMPORTÂNCIA?

Na atuação presidencial de António José Seguro. Em relação ao total da amostra

FISCALIZAR O GOVERNO **22%** (NS/NR 4%)  
COLABORAR COM O GOVERNO **42%**



António José Seguro com a mulher e os filhos a entrar no Palácio de Belém

socialista será mais interventivo do que o seu antecessor, Marcelo Rebelo de Sousa, enquanto 40% defendem que terá um nível de intervenção semelhante.

Ainda assim, a maior fatia de eleitorado (42%) acredita que Seguro dará prioridade a "colaborar com o Governo" e só 32% preveem que a maior urgência do Presidente da República será "obrigar o Governo a agir". Por fim, 22% dos inquiridos apontam a "fiscalização do Governo" como o tema a que o chefe de Estado se irá entregar em primeiro lugar. No discurso da tomada de posse, na segunda-feira, no Parlamento, Seguro prometeu ter uma "relação leal e profícuca" com o Executivo, reforçando que não será por ele que a legislatura não vai até ao fim ("Tudo farei para estancar o frenesim eleitoral", afirmou no Parlamento). A ideia é oferecer estabilidade ao Governo em troca de reformas para que não se desperdice a "oportunidade de ouro" de governar e legislar sem taticismos eleitorais. Cooperação por um lado, exigência por outro.

Fazendo um diagnóstico dramático do país (crescimento económico insuficiente, desigualdades, pobreza, burocracia a mais, justiça lenta, saúde e habitação em crise), Seguro decretou que só com "consensos" e "soluções duradouras" o "país será viável". O discurso foi aplaudido pelo Parlamento em peso, onde se encontrava não só o Governo como as oposições, conselheiros de Estado, e altas individualidades da política nacional, e é também isso que se vê na sondagem do ICS/ISCTE, com os eleitores, da esquerda à direita, a fazerem uma avaliação média positiva da atuação recente do Presidente eleito (que esteve em silêncio desde a eleição até à posse). Numa escala em que zero é "muito negativo" e 10 é "muito positivo", os inquiridos atribuíram-lhe uma média de seis.

Como seria de esperar, são os eleitores sociais-democratas que mais querem ver Seguro a dar a mão ao executivo de Montenegro, também como forma de superar a falta de maioria no Parlamento. "A opinião de que Seguro dará sobretudo importância à colaboração com o Governo é mais comum entre os simpatizantes do PSD (56%) do que dos do PS ou do Chega (34% em ambos os casos)", lê-se no estudo.

A primeira prova de para onde cairá Seguro será o pacote laboral. Respondendo aos jornalistas, na Mourísia, Seguro evitou falar na ideia de veto (que anunciou na campanha), pondo antes as fichas todas na ideia do regresso a negociações e de que haverá um "acordo equilibrado" na concertação social. "Sou um homem de esperança", disse.

Do outro lado, o PS quer um Presidente capaz de pôr um travão não só à lei laboral, mas a outras aspirações do Governo. Essa vontade é visível nos 62% dos simpatizantes do PS que acreditam que Seguro será mais interventivo que Marcelo. Entre os três maiores partidos, os eleitores do Chega são os que têm menos expectativas em relação ao Presidente. Menos de metade (43%) admite que Seguro será mais interventivo que Marcelo e só 34% acham que a prioridade será a colaboração com o Governo.

Quanto à relação entre Belém e São Bento, são quase tantos os inquiridos que defendem que será boa (41%) como aqueles que dizem que "não será boa nem má" (39%). Sem surpresa, a maioria dos simpatizantes do PSD (65%) sobe a fiação. Cooperação exigente é a promessa do novo estilo de Presidência.

mcoutinho@expresso.imprensa.pt



INTENÇÃO DE VOTO

Como votaria se as legislativas fossem hoje?

Resultados do total da amostra e projeção do resultado eleitoral. A projeção é calculada pela distribuição da intenção de voto após a exclusão dos inquiridos que dizem não votar (8%) e a imputação dos inquiridos indecisos (9%). A diferença para 100% corresponde à intenção de votos em branco e votos nulos (2%). A variação corresponde à diferença com o resultado da última sondagem (28 nov. 2025)

PARTIDOS	RESULTADO	VAR. (PONTOS)	PROJEÇÃO
AD (PSD + CDS-PP)	25%	=	29%
PARTIDO SOCIALISTA	24%	+3 PP	29%
CHEGA	21%	+2 PP	25%
INICIATIVA LIBERAL	4%	+1 PP	5%
CDU (PCP + PEV)	3%	=	4%
LIVRE	1%	-1 PP	2%
BLOCO DE ESQUERDA	1%	=	2%
PAN	1%	+1 PP	1%

AD estagna na frente. PS e Chega confirmam subidas

**Socialistas empatam com coligação de Governo. Chega aproxima-se e está já na margem de erro**

Dois anos e duas eleições depois, os portugueses já não se mostram decididos na preferência por Luís Montenegro para governar o país. De acordo com o estudo feito pelo ICS/ISCTE para a SIC e o Expresso, a AD está apenas marginalmente no topo das intenções de voto, mas em linha com o PS e até com o Chega a morder-lhe os calcanhares. Em números, se as eleições legislativas fossem hoje, 25% do eleitorado votaria na AD, 24% no PS e 21% no Chega. Contudo, as margens de erro tocam umas nas outras, representando, na verdade, um empate técnico entre os três maiores partidos.

Com a distribuição de indecisos (9%) mantém-se o empate técnico, mas as distâncias encurtam: o intervalo entre a AD e o PS desaparece e surgem ambos com 29% nas intenções de voto. Em terceiro lugar, com 25%, está o Chega. Isto representa uma queda de dois pontos percentuais da coligação que venceu duas legislativas face à última sondagem, publicada em novembro de 2025. Já o PS e o Chega sobem um ponto percentual cada um.

Assim, fica confirmado, por um lado, a estagnação dos sociais-democratas e, por outro, o crescimento dos dois maiores partidos da oposição. Luís Montenegro, que cumpriu esta semana dois anos da primeira eleição, tem vindo a argumentar que a capacidade "reformista" do seu Governo vale mais do que o "reformismo de boca" dos adversários, no que também pode ser lido como uma resposta a Pedro Passos Coelho (ver pág. 9), depois de, na semana passada, ter anunciado a antecipaçao para maio das eleições diretas no PSD.

Se os valores forem comparados diretamente com as

legislativas de 18 de maio do ano passado, é o PS que protagoniza o maior salto, com uma subida de seis pontos percentuais em relação aos 22,8% conquistados por Pedro Nuno Santos. Estes valores parecem confirmar o caminho escolhido pelo líder socialista (que também se recandidata agora ao cargo de secretário-geral, com diretas este fim de semana). Além disso, esta subida consistente dos socialistas deixa em disputa o título de líder da oposição, com que André Ventura tem feito campanha no último ano (embora o Chega se mantenha firme na colagem à liderança).

**IL mantém, Livre cai e CDU sobe**

A mudança de líderes na IL não parece ter surtido efeitos. Segundo o estudo, as intenções de voto nos liberais fixam-se nos 4% sem distribuição e nos 3% com distribuição, semelhantes aos 5,3% que Rui Rocha alcançou nas legislativas. Há, no entanto, um aumento de um ponto percentual relativamente à sondagem de novembro.

Esta ligeira subida acontece também com a CDU, que, em quatro meses, sobe a intenção de voto dos 3% para os 4%, com distribuição de indecisos. À esquerda, esta é a subida mais significativa quando comparada com as legislativas. Em sentido inverso, é o Livre que mais perde, com 2% com distribuição de indecisos, o que representa uma descida de um ponto percentual para a última sondagem e dois pontos para o resultado eleitoral que o tornou na maior bancada à esquerda do PS.

O BE, que também mudou de liderança após a hecatombe das legislativas, mantém-se nos 2% das legislativas. Assim como o PAN, que não ultrapassa os 1%. Ainda assim, todas as variações à esquerda caem dentro da margem de erro. M.C.

Presidente sem pressa para fechar equipa e marcar Conselho de Estado

**Reunião sobre Segurança não deverá ser em março. Encontros com o primeiro-ministro passam para as terças**

A célebre frase de António José Seguro — "Qual é a pressa?" —, dita em 2013 para travar o impulso de António Costa para desafiar a sua liderança, tem sido invocada por estes dias para responder às muitas perguntas sobre o início do seu mandato como Presidente, empossado esta segunda-feira na Assembleia da República, mas ainda sem equipa em plenas funções.

O motivo da demora é explicado de duas formas: as três semanas que teve entre a eleição e a posse foram curtas, e Seguro privilegiou as reuniões e contactos bilaterais que foi tendo afastados da agenda pública para preparar os vários dossiês com que teria de lidar a partir de 9 de março. A reunião que teve com o ministro dos Negócios Estrangeiros em Queluz, por exemplo, foi tornada pública por Paulo Rangel e terá servido para preparar as muitas visitas de chefes de Estado a Lisboa e as visitas do PR ao estrangeiro, que já estavam na calha com Marcelo. Além disso, Seguro é descrito como "ponderado", ao ponto de fazer primeiras

abordagens e listas para as várias posições antes de fazer os convites e montar o puzzle final da sua equipa. A completar tudo isto, um outro detalhe: Seguro esteve afastado da política durante 12 anos e a maior parte dos seus mais leais companheiros mudou-se para o sector privado, como é o caso de António Galamba, o que pode ser um *handicap*. Mais: a paridade, com igual representação de homens e mulheres, será um critério a ter em conta.

Ao que o Expresso apurou, o diretor de campanha, que muitos apontavam como tendo um lugar assegurado em Belém, o deputado socialista Paulo Lopes Silva, terá feito saber desde logo que não queria deixar a vida político-partidária (foi eleito deputado pela primeira vez em maio), não escondendo eventuais ambições em Guimarães, de

**Diretor de campanha antecipou que estaria indisponível para ir para Belém**

onde é natural. Luís Sobral, que esteve à frente da comunicação na campanha, já assumiu funções nessa área. E Rita Saias, que era consultora de Marcelo para a juventude desde 2021 e que foi um elemento central na campanha de Seguro, é já dada como certa na Casa Civil. Foi ela, de resto, que organizou o evento com jovens no ICSISP, inserido nas cerimónias da tomada de posse.

**Conselho de Estado empurrado**

São 12 assessores (só se conhece um, Manuela Teixeira Pinto, na área diplomática), adjuntos, secretários, consultores e, no topo de tudo, a chefia da Casa Civil. Para já, Seguro nomeou Cláudia Ribeiro, com carreira na Administração Pública e no apoio parlamentar, como secretária do Conselho de Estado e com a chefia transitória da Casa Civil. Questionado pelos jornalistas sobre a nomeação transitória, quando os seus antecessores anunciaram a escolha para a Casa Civil logo depois da eleição, Seguro respondeu que as suas equipas "estão em construção".

Ainda esta semana, o Presidente terá uma reunião com as chefias militares, e houve uma alteração nas tradicio-

nais reuniões semanais com o primeiro-ministro: passam para as terças-feiras, às 18h. Para as próximas semanas, as atenções estarão concentradas no prometido Conselho de Estado sobre Segurança e Defesa, que incluirá também o tema da reconstrução do país depois das tempestades. Esteve prometido para março, mas ninguém acredita que acontecerá exatamente nesse calendário, desde logo porque o Parlamento tem prevista a eleição dos novos membros do Conselho de Estado para 1 de abril (se não for adiada outra vez). Ao Presidente caberá nomear outros cinco elementos (a socialista Maria de Belém é um dos nomes mais falados). Deverá ser também em abril a primeira Presidência Aberta, dedicada à região centro, que se espera que coincida com a apresentação da versão final do PRR por parte do Governo. Ou seja, Seguro não quer deixar Montenegro a falar sozinho sobre a reconstrução do país e vai querer marcar posição. Já o tema da Saúde, a que o Presidente dedicou especial atenção no discurso da posse, anunciando que iria convocar os partidos "em breve", não será para tão em breve quanto isso.

RITA DINIS  
 rdinis@expresso.imprensa.pt

ID: 122013849

13-03-2026

## Portugueses esperam Seguro interventivo, mas colaborante

**Sondagem indica início de mandato presidencial com popularidade ao nível de Marcelo, com três partidos em empate técnico**

Os portugueses acreditam que António José Seguro será tão ou mais interventivo do que Marcelo Rebelo de Sousa, mas esperam colaboração com o Governo. P6

**25%****24%****21%**

Intenção de voto para eleições legislativas mostra o PSD a perder terreno para o PS e para o Chega